

## Discursos e posicionamentos em um encontro de diálogo sobre violência a LGBTs<sup>1</sup>

Marcos Vinicius do Amaral Apóstolo<sup>a</sup>  
Murilo dos Santos Moscheta<sup>a\*</sup>  
Laura Vilela e Souza<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Psicologia, Maringá, PR, Brasil

<sup>b</sup>Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Departamento de Psicologia, Ribeirão Preto, SP, Brasil

**Resumo:** A promoção do diálogo visa à problematização de discursos e posicionamentos que cristalizam ações e posturas favorecedoras de práticas de violência. Objetivamos compreender de que forma diferentes discursos demandam posicionamentos específicos e vice-versa, entendendo essa articulação a partir dos efeitos da estrutura de diálogo proposta pelo Projeto de Conversações Públicas. Um encontro do grupo de facilitação de diálogo sobre o tema da violência à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros foi selecionado para análise considerando sua riqueza em discursos defendidos e posicionamentos assumidos. A transcrição na íntegra desse encontro foi analisada a partir das contribuições do construcionismo social, em especial da teoria do posicionamento. O uso do discurso religioso, a polarização de posicionamentos, os efeitos das perguntas de “zona cinza”, os posicionamentos evocados no compartilhamento de histórias e as implicações do contexto, da força social, dos acordos para a conversa e das entrevistas pré-grupo para assunção de determinados posicionamentos no encontro foram discutidos.

**Palavras-chave:** psicologia discursiva, teoria do posicionamento, construcionismo social, Projeto de Conversações Públicas.

O termo “diálogo” tem sido amplamente utilizado nos estudos sobre processos grupais e comunicação com variadas definições. Buber (2008) e Bohm (2004) utilizam esse termo para fazer referência a uma modalidade de comunicação que só pode ocorrer quando os interlocutores suspendem a tentativa de convencimento do outro e sustentam uma curiosidade mútua pelas falas uns dos outros. Na medida em que o diálogo emerge de uma disposição para conhecer o “outro”, ele tem potencial criativo e transformador para os participantes. Enquanto no debate os argumentos são voltados para a disputa e convencimento, no diálogo os argumentos servem para estabelecer uma relação de troca entre os indivíduos, na qual se torna possível ampliar o conhecimento de visões de mundo.

Considerando os limites do debate, como, por exemplo, a incapacidade das pessoas que discordam de atuar cooperativamente e a intolerância que emerge em meio a grupos altamente comprometidos em defender seus posicionamentos, entende-se que a psicologia social pode contribuir com o desenvolvimento de estratégias de facilitação de diálogos que promovam a ampliação da compreensão das nuances envolvidas no debate, bem como de possibilidades de cooperação na diferença. Nesta direção, a proposta de facilitação de diálogos nomeada Projeto de Conversações Públicas (PCP), criada por uma instituição norte-americana de mesmo nome, articula-se com as contribuições do movimento construcionista social em psicologia e investe

no diálogo como uma alternativa aos limites inerentes ao debate (Gergen & Gergen, 2003).

O PCP propõe um modelo estruturado de diálogo que se inicia com a concordância de seus participantes sobre: (1) a importância de não falarem abstratamente sobre sua opinião, mas de compartilharem suas histórias de vida que ajudam a entender como chegaram a pensar da atual maneira sobre o tema; (2) a necessidade do respeito aos outros participantes e a co-responsabilização de todos por um ambiente seguro e de respeito para realização do diálogo; (3) a necessidade dos facilitadores de controlarem o tempo de fala de cada participante para permitir que todos possam falar; e (4) a confidencialidade acerca da conversa.

O encontro de diálogo é marcado por três momentos da conversa grupal, iniciando-se com o pedido para que todos compartilhem as experiências pessoais e histórias de vida que legitimam suas convicções sobre o tema em conversa. Dessa maneira, os participantes têm a oportunidade de entrar em contato com relatos que não haviam escutado antes e podem compreender o outro sem necessariamente concordar com ele. Em seguida, os participantes são convidados a explorar suas dúvidas, incertezas e preocupações com relação à sua opinião, com o objetivo de promoção de uma reflexão menos polarizada do tema em questão, reconhecendo a complexidade do tema em conversa (Stains Jr., 2012). Por fim, incentiva-se um momento de interação entre os participantes no qual eles podem fazer perguntas de curiosidade uns para os outros a partir do que foi dito, mantendo-se comprometidos com os acordos da conversa, como não julgar a fala alheia.

Considerando-se tal estrutura dialógica, os propósitos do PCP são: 1) propor formas não combativas de

<sup>1</sup> Financiamento oferecido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

\* Endereço para correspondência: murilomoscheta@me.com

abordagem das diferenças entre as pessoas; 2) dar visibilidade às histórias de vida que dão coerência e legitimidade aos posicionamentos dos participantes e que são habitualmente suprimidas nos debates; 3) oferecer oportunidade para as pessoas superarem as descrições generalizadas, estereotipadas e preconceituosas sobre quem pensa diferente delas; 4) colocar à prova as próprias percepções acerca do outro; 5) poder falar de sua opinião sem julgamentos ou ataques; e 6) encontrar pontos e interesses comuns entre pessoas que pensam diferente (Black, 2009; Herzig & Chasin, 2006).

Durante esse modelo de diálogo, a pessoa pode fazer uso de diferentes discursos socialmente disponíveis sobre o tema para defender sua opinião. Discurso é entendido, segundo Spink e Medrado (2000), como um conjunto de descrições, imagens, metáforas e construções narrativas com regularidade linguística. Ou seja, é um modo específico, instituído e preferencial de se falar sobre algo que perdura ao longo do tempo e é propagado por grupos sociais e domínios de saber, como a psicologia e a sociologia.

A partir de uma psicologia fundamentada no construcionismo social pode-se afirmar que os discursos participam da construção do self. Na medida em que os discursos permitem ao enunciador o acesso a um modo preferencial de se falar, eles implicam na demarcação de modos limitados de descrição de si. Tais descrições circunscrevem as possibilidades de ação do enunciador e, conseqüentemente, seu modo de ser naquela interação. Portanto, aquilo que se pode ser em uma dada relação está restrito às possibilidades discursivas acessadas pelo enunciador. Nesta direção, o movimento construcionista social reconhece a importância de entendermos como discursos podem favorecer descrições de si que circunscrevem e cristalizam ações e posturas. Multiplicar as possibilidades de ações e posturas se torna possível na medida em que se problematizam os discursos que as sustentam, e é justamente isso que almejam as estratégias de facilitação de diálogos, como o PCP (Gergen, 1999; McNamee, 2007).

Uma forma de análise do processo relacional de construção de versões de si pode ser realizada por meio do estudo dos jogos de posicionamentos (Van Langenhove & Harré, 1999). Posicionamentos são construções discursivas utilizadas para agrupar atributos pessoais genéricos que implicam na construção de um lugar social com direitos e obrigações específicas. Para se posicionar de uma determinada maneira o enunciador precisa tornar-se inteligível dentro de um discurso instituído e compartilhado. Ao mesmo tempo, o posicionar-se é condição de legitimação e reificação de um dado discurso.

A mudança ou manutenção de posicionamentos depende de dois fatores principais: a força social do enunciador e o enredo. A força social está relacionada ao poder enquanto constituído relacional e socialmente em nossa cultura (Van Langenhove & Harré, 1999). Um professor dentro de nossa cultura terá mais força social que um aluno, o que possibilitará ao primeiro situar o aluno de variadas formas. A mesma situação não ocorreria em um tribunal, em que o

mesmo professor se visse como réu e estivesse diante de um juiz. Aluno, professor e juiz ocupam lugares sociais distintos que conferem a cada um diferentes forças nos jogos de posicionamento. O enredo relaciona-se com o contexto em que o posicionamento ocorre, ou seja, não é qualquer posicionamento que pode ser atribuído em qualquer situação. O professor não terá as mesmas possibilidades de posicionamento que tem na sala de aula em um supermercado, ainda que esteja em interação com o mesmo aluno, por exemplo. Os jogos de posicionamento constituem as nossas relações sociais que são, portanto, influenciadas pela força social de que dispomos e o contexto em que estamos inseridos. A conservação desses dois fatores, por conta da constância nos tipos de interações sociais que temos, promove a cristalização gradual de posicionamentos, que passam a ser considerados como identidades, personalidades ou basicamente como *selves* (Rasera, Guanaes, & Japur, 2004). A proposta do PCP busca a ampliação das possibilidades de posicionamento dos participantes por meio da mudança na configuração da força social e do contexto.

O PCP influencia na força social a partir de perguntas que estruturam sua proposta de facilitação de diálogo. Os participantes, ao serem convidados a falar sobre suas histórias pessoais sem recorrer a abstrações e teorias e ao serem convidados a pensar nas dúvidas que têm em relação a suas próprias opiniões, podem acessar um novo posicionamento. A partir desse novo posicionamento podem usar argumentos que raramente usam, uma vez que nas interações normais do dia a dia, muitas vezes, não podem se mostrar com dúvidas por terem que se manter certos de sua opinião frente a seus grupos sociais de pertença. Novos posicionamentos permitem aos participantes a exploração de outros repertórios linguísticos utilizados para descrever a situação em questão.

A estrutura do diálogo do PCP também interfere no vetor “contexto” na medida em que organiza um modo peculiar de interação. De acordo com esta estrutura, todos têm espaço para falar e todos têm a oportunidade de serem ouvidos e respeitados. Todos têm garantido o mesmo tempo de fala. Esse é um *setting* que não aparece com frequência no dia a dia das pessoas. Em confrontos, por exemplo, é comum que aqueles que falam mais alto ou que estejam em maior número sejam privilegiados, muitas vezes impedindo o outro de falar ou de ser ouvido. A proposta do PCP propõe equilibrar estas forças, de maneira que, ao fazer isso, os participantes tenham maior liberdade para assumirem ou rejeitarem posicionamentos.

O contexto em que ocorre o PCP é um contexto grupal. Segundo os pressupostos do construcionismo social, compartilhados pela teoria do posicionamento, esse é um contexto privilegiado para a construção e reconstrução de versões de si (posicionamentos), uma vez que permite o contato dos participantes com discursos aos quais nunca tiveram acesso até aquele momento (Herzig & Chasin, 2006). Teoricamente, qualquer mudança de contexto permite a mudança de posicionamentos, no entanto, entendemos o PCP como privilegiado por integrar na sua

configuração participantes que normalmente não interagem entre si, e por operar em um *setting* ajustado para interferir na força social como dito anteriormente. A mudança de contexto também ocorre devido à mudança na maneira de interagir, pois participantes que normalmente debatem sobre temas diversos nesse momento dialogam. A partir do diálogo, posicionamentos mais defensivos, por exemplo, podem deixar de ser assumidos pelos participantes. Portanto, neste estudo buscamos identificar de que forma diferentes discursos demandam por posicionamentos específicos e vice-versa, entendendo essa articulação a partir dos efeitos da estrutura de diálogo do PCP, ressaltando as possíveis mudanças de usos de discursos e posicionamentos, e compreendendo o que as provocou.

O cenário de violência à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) foi escolhido como tema do diálogo por ser considerado um assunto polêmico na atualidade, polarizador de opiniões, alvo de disputas legislativas, campo de conflitos na mídia e gerador de situações concretas de violência. Ainda que o objeto de estudo desta pesquisa não seja diretamente a temática em conversa, mas os efeitos da estrutura dialógica do PCP na produção de discursos e versões de si na interação grupal, entendemos que tal tema circunscreve possibilidades discursivas e descrições identitárias a partir da forma como as questões da violência a LGBTs vêm sendo abordadas na sociedade brasileira (Junqueira, 2009; Louro, 2009). Nos últimos anos temos observado o acirramento do debate acerca dos direitos das pessoas LGBTs. De um lado, destaca-se a luta de militantes a favor da garantia dos direitos a essa população, a denúncia do preconceito e crimes e a defesa de uma legislação que puna a homofobia. De outro, religiosos argumentam contra leis anti-homofobia que acreditam que irão cercear sua liberdade de crença e expressão, e advogam pelo direito de promover tratamentos reversíveis para a homossexualidade (Carrara, Ramos, Simões, & Facchini, 2006; Moscheta, 2011).

## Método

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo e exploratório.

## Participantes

Esta pesquisa utilizou parte do material produzido na execução da pesquisa: “Conversações Públicas: novos paradigmas para as transformações sociais no Brasil” (suprimido para revisão por pares) realizada de forma interinstitucional com o objetivo de analisar os limites e potencialidades do uso da abordagem do PCP no cenário brasileiro. Nesta pesquisa foram realizados dez encontros de facilitação de diálogo segundo a metodologia proposta pelo PCP, colocando em conversa diferentes temas sobre os direitos dos LGBTs, tais como criminalização da homofobia, casamento entre pessoas do mesmo sexo e violência a LGBTs. Para a discussão que fazemos neste artigo,

selecionamos um encontro que teve como tema a questão da violência a LGBTs, escolhendo uma sessão que apresentasse uma maior variedade de discursos acerca dessa temática. Entendemos que essa multiplicidade permitiria maior potencial generativo para a análise a ser empregada, considerando o objetivo do estudo.

Esse encontro aconteceu em uma cidade de médio porte no estado do Paraná e teve os seguintes participantes: Mauro, 32 anos, empresário e ativista LGBT; Rosa, 32 anos, policial militar; Roberto, 30 anos, professor universitário; Ricardo, 47 anos, agente de saúde; Maria, 38 anos, professora universitária; Uliana, 31 anos, agente de saúde, além de dois facilitadores, psicólogos e professores universitários com experiência prévia em coordenação de grupos; e dois observadores, estudantes do curso de Psicologia. Os participantes são aqui descritos a partir das categorias identitárias escolhidas por eles próprios para se apresentarem no encontro grupal. Os facilitadores desse encontro são também autores deste artigo.

## Procedimentos

Foram convidadas a participar do estudo pessoas que de alguma forma consideravam que a temática da violência a LGBTs era relevante e marcava sua trajetória de vida, e que, portanto, tinham histórias pessoais para compartilhar no grupo. Para composição grupal, tal como proposto pelo Public Conversations Project (2011), convidamos pessoas de diferentes profissões, posições sociais e opiniões com relação ao tema em conversa. Os participantes do estudo foram convidados por meio de contato com pessoas-chave da comunidade que integravam a rede social dos pesquisadores. Por meio de contato telefônico, a proposta do estudo foi apresentada e buscou-se identificar o interesse e o envolvimento do participante com o tema. Antes do encontro, conversas individuais de preparação foram realizadas com cada participante mediante o uso de um roteiro semi estruturado (Public Conversations Project, 2011). Cada conversa durou cerca de uma hora. Nessa conversa os pesquisadores verificaram em detalhes o envolvimento do participante com o tema a ser discutido, bem como sua opinião, disposição e interesse em participar do encontro.

A estrutura do encontro grupal seguiu a proposta do PCP mencionada anteriormente. As duas primeiras perguntas feitas aos participantes foram: “Você pode nos contar algo sobre sua experiência de vida que nos ajudaria a entender a forma como você atualmente se posiciona com relação à violência a LGBTs?” e “Quais são seus receios, dificuldades e desafios com relação ao tema em questão?”. As respostas para as duas primeiras perguntas foram oferecidas considerando-se o tempo de três minutos para cada participante, sem interrupções dos demais, seguindo a ordem das pessoas na roda de cadeiras. Por fim, promoveu-se uma discussão facilitada na qual os participantes puderam questionar uns aos outros a partir de perguntas de esclarecimento acerca do que fora dito, de forma menos



estruturada, sem tempo marcado para falas e sem ordem específica entre quem perguntava e quem respondia.

O encontro foi audiogravado em modo MP3 com o uso de gravador digital e transcrito na íntegra e literalmente. As contribuições do movimento construcionista social em psicologia embasaram a análise (Gergen, 1999). De forma especial, utilizamos a teoria do posicionamento de Van Langenhove e Harré (1999) para a análise das diferentes versões de si construídas no grupo. Releituras da transcrição foram realizadas para o realce dos discursos e posicionamentos no encontro. Buscamos identificar de que forma diferentes discursos demandam por posicionamentos específicos e vice-versa, entendendo essa articulação a partir dos efeitos da estrutura de diálogo do PCP, ressaltando as possíveis mudanças de usos de discursos e posicionamentos e compreendendo o que as provocou.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (Protocolo 01647512.5.0000.0104). A participação no estudo foi voluntária e antes do início da coleta dos dados todos os participantes formalizaram sua anuência mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando com os objetivos da pesquisa e autorizando que o encontro fosse audiogravado. Todos os participantes da pesquisa são aqui mencionados por meio do uso de nomes fictícios.

## Resultados construídos e discussão

Optamos por apresentar os resultados construídos a partir dos diferentes discursos e posicionamentos destacados nas falas e interações de cada participante ao longo de toda sessão. Ao longo da discussão mencionamos a qual pergunta dos facilitadores o trecho analisado se referia, de modo a permitir ao leitor certa visibilidade sobre a cadeia dialógica de onde cada fragmento de fala havia sido retirado.

Mauro se apresentou como curioso e essa curiosidade motivou, segundo ele, sua participação no encontro. Ele contou, em resposta à primeira pergunta do grupo, que morou em uma pequena cidade do interior do Paraná na infância e que foi uma experiência tranquila, pois não sofria preconceito por ser homossexual. Veio “para a cidade grande” já adulto e se deparou com a violência contra LGBTs de forma mais explícita, o que o deixou “com medo, em estado depressivo”. Apesar desse medo, ele se posicionou como alguém que sabia se defender dessa violência. Ao responder à segunda pergunta realizada no encontro, Mauro apresentou sua opinião sobre o tema: afirmou acreditar que a violência a LGBTs deveria ser combatida com urgência e afirmou que as instituições religiosas, enquanto mantiverem a atual forma de pensar sobre as questões LGBTs, fazem “um desfavor à sociedade”:

*Eu tenho a impressão que ela (a religião) reproduz um discurso de que é um problema (a homossexualidade) né? ... Pelo menos quem foi expulso de casa era por que era uma abominação, por que Deus*

*não gosta, sabe? Alguma coisa do tipo. E de onde que as pessoas tiram isso daí? Querendo ou não acaba sendo uma reprodução e, assim, para mim é um desfavor que essas instituições fazem para o ser humano, é um profundo desfavor, sabe? Eu tenho respeito por algumas pessoas assim, por algumas pessoas, mas pela instituição não tenho um pingão de consideração. (Mauro)*

A contraposição ao discurso religioso pode demandar, em termos de coerência argumentativa, um posicionamento de desprezo pelas pessoas que fazem uso desse discurso. Daí a separação que Mauro fez entre o desprezo pela instituição, mas não por algumas pessoas que dela participam. Parece ter sido justamente para explorar essa diferenciação entre falar da Igreja e falar de alguém religioso (considerando-se que algumas pessoas do grupo se descreveram como religiosas), que um dos facilitadores questionou:

*Fiquei com vontade de te perguntar Mauro, se tem algum momento em que você tem menos descaso (pela religião) ou que você tem dúvida quanto ao seu descaso? (Facilitador)*

Em resposta a essa pergunta do facilitador, Mauro se posicionou:

*Eu gosto de pessoas, alguns envolvidos com a religião, mas que não estão tão em sintonia com o que a religião fala. Esses dias eu tive que dobrar essa coisa para, para fazer uma conversa com uma pessoa, de uma igreja, da igreja católica. Eu tive que dobrar tudo isso para poder encarar ela de frente e fazer essa conversa, fui engolindo assim, um puta de um sapo assim, por que eu olho, eu olho para a pessoa e vejo um monte de meninos se suicidando, meninos sendo expulsos de casa... Sabe, é uma coisa que me mexe profundamente, me incomoda. Agora outras pessoas assim, a pessoa que está dentro da igreja mesmo sabe, pelo discurso você percebe que a pessoa está ali porque gosta, está ali por que de algumas coisas da religião, mas ela tem esse cuidado pelo ser humano, costumo dizer que o pessoal suja a mão de sangue sem querer. (Mauro)*

A mudança de posicionamento de Mauro marcou a relativização quanto a quem é a pessoa religiosa da igreja católica. Nesse caso, a posição de descaso se modificou para de compreensão de que a pessoa pode gostar da religião, mesmo não concordando completamente com o discurso por ela propagado.

Conhecer e ter afeto por pessoas religiosas foi o discurso que permitiu que Mauro se posicionasse como compreensivo com relação a como essas pessoas entendem a questão dos direitos de LGBTs.

Durante o momento do diálogo facilitado, no qual os participantes foram incentivados a fazer perguntas de curiosidade uns para os outros, Mauro foi questionado pela participante do grupo Maria se sua resposta anterior não poderia ser preconceituosa:

*Eu queria perguntar para o Mauro... Que eu me encontro pensando também Mauro, quando você faz essa fala, você trouxe a questão da religião, né? Na sua fala, eu estava pensando em relação ao preconceito, né? Enquanto cotidianamente a gente tenta combater o preconceito com outros preconceitos, né? Eu queria que você falasse um pouco se você identifica também isso. (Maria)*

Mauro, em resposta a esse questionamento, se perguntou se foi mesmo “um pouco preconceituoso”. Ele afirmou que se posicionou dessa maneira, pois foi sincero, relacionando essa sinceridade com a proposta do encontro de PCP. Nesse momento, Mauro se posicionou como alguém de referência dentro da comunidade LGBT:

*Por mim, nunca me fez falta (a religião), não sei se faria, por outro lado eu vejo gente que precisa, né? Para ser feliz. Que foi criado na religião e eu conheço gays amigos meus que sofreram muito quando foram excluídos da igreja porque o pastor excluiu e tal, então a crítica não é aos religiosos, é talvez essa falta de abertura da estrutura da igreja. Inclusive eu ajudei a fomentar um grupo de diálogo intra-religioso para falar da diversidade, não por mim, mas por causa das pessoas que eu sei que sofrem, eu sei que é importante sabe? ... Enquanto ela (a igreja) tiver essa postura de reprodução do discurso de segregação, de manutenção do que está posto, ela faz um desserviço mesmo, não precisa concordar, mas eu acredito seriamente nisso... sabe, enquanto tem padre, tem pastor falando que é abominação, tem padre falando que, ah não, a gente ama o pecador, mas não ama o pecado, continua sendo pecado, sabe? (Mauro)*

Nesse momento, Mauro não falava mais a partir da posição de amigo de religiosos por quem tem afeto, mas a partir do posicionamento de ativista gay, ateu, que “não ligava para a religião” e que não tinha uma formação familiar religiosa. Essa mudança de posicionamentos teve efeitos na forma como Mauro colocou-se frente ao discurso religioso e a seu uso.

A tensão entre dois posicionamentos se instalou. Mauro, que é militante dos direitos LGBTs não podia ser, a partir do discurso da luta por esses direitos, o mesmo Mauro que compreendia os religiosos que condenam a homoafetividade. Essa tensão tem relação com os discursos que circulam no cotidiano das discussões sobre direitos LGBTs, especialmente entre militantes em defesa desses direitos. Colocar-se no lugar do diferente, nesse caso, do religioso, e compreender sua opinião a partir do afeto com relação à pessoa pode ser interpretado como concordar com o que a pessoa pensa, portanto, um posicionamento muito arriscado para alguém que se identifica como um militante LGBT.

Em sua primeira resposta no encontro, Mauro defendeu a urgência no combate à violência contra LGBTs com base nas estatísticas do aumento do número de casos de agressões a essa população. Ao mesmo tempo, criticou os próprios homossexuais por se auto discriminarem ao se colocarem como diferentes, e afirmou sua defesa por uma sociedade na qual “ser gay” não fosse um problema. Outra tensão apareceu no uso desses diferentes discursos. O discurso das estatísticas, que aponta os crimes de violência a essas pessoas, pede por um tratamento diferenciado aos LGBTs. Já o discurso do auto-preconceito busca a igualdade entre todas as pessoas.

A proposta do PCP de uma pergunta que busque relativizar as opiniões trazidas no grupo e o formato do diálogo que permite que as pessoas possam falar de maneira franca umas com as outras, sem medo de serem atacadas, parece ter sido relativa aos elementos que permitem a mudança de posicionamento de Mauro e a relativização de sua forma de olhar para os religiosos. Em outro estudo (referência suprimida) discutimos em que medida essa relativização, ao mesmo tempo em que pode permitir a não generalização de todo religioso como preconceituoso, deve levar em conta a diferença entre o preconceito sofrido pelos LGBTs e o preconceito com relação aos religiosos, considerando-se a diferença entre esses grupos quanto à sua marginalização social e o histórico de exclusão vivido por LGBTs.

Rosa, durante sua apresentação no início do encontro, posicionou-se como alguém interessada em “saber mais sobre o tema” em pauta. Em resposta à primeira pergunta do encontro, endossou o discurso da necessidade de conscientização popular com relação aos direitos humanos e posicionou-se favorável ao fim do preconceito com relação a LGBTs. Como sustentação desse discurso, Rosa compartilhou sua história de vida, apresentando uma Rosa que sofreu preconceito por ter sido criada no campo e ter sido mãe solteira.

A partir da posição de alguém que sofreu preconceitos, Rosa defendeu o argumento da igualdade de direitos. Todavia, em resposta à segunda pergunta do grupo, Rosa afirmou que ainda que compreendia o sofrimento que o preconceito podia trazer. A Rosa policial não podia defender esse argumento da igualdade em seu ambiente de trabalho, uma vez que ainda que testemunhasse a violência a travestis por seus colegas policiais, temia denunciá-los:

*Teve inúmeras viu, inúmeras (histórias de violência), chegou ao ponto de chegar e querer dar uma sacudida em alguém do seu lado (colega de trabalho), mas você está trabalhando, é um profissional, você tem que respeitar ele. Só que ele não respeita o próximo, né? Alguns agem dessa forma, você é preparado você tem que respeitar seu colega como profissional e como pessoa, você está trabalhando com uma pessoa que não respeita o próximo como um ser humano. É uma situação difícil mesmo, né? (Rosa)*

Nesse momento do grupo, as relações de poder estabelecidas dentro da instituição militar participavam do posicionamento de Rosa, que sentia que não podia agir contra essa violência. Tal impedimento posicionava Rosa como conivente com essa violência por força das

relações hierárquicas em sua profissão. Assumir esse posicionamento no grupo não era fácil, e uma tensão se instalava, uma vez que os posicionamentos anteriores apontavam para a necessidade de defesa da não violência a LGBTs.

Posicionar-se é implicar-se com a defesa de determinados modos de vida (Rasera, Guanaes, & Japur, 2004). O contexto da instituição militar circunscreve as possibilidades de posicionamentos e inclusive de ações de seus membros. A brecha para outra possibilidade de enfrentamento da situação se deu no posicionamento da Rosa mãe solteira, que era capaz de identificar-se com o lugar da exclusão social que os LGBTs podem viver. Essa Rosa entrou em conflito com a Rosa policial, mas a força social da posição de policial venceu o posicionamento da Rosa que gostaria de acabar com a violência às travestis. Assim, se a estrutura do diálogo não redefiniu de modo suficiente as forças que constroem o posicionamento de Rosa, pelo menos ela permitiu que este posicionamento não fosse o único a ser apresentado, multiplicando as versões de Rosa no grupo. Acreditamos que isso se deu, especialmente, em função do clima de segurança do grupo, efeito conseguido a partir da concordância entre os participantes sobre os acordos da conversa e a proposta de não julgamento da fala alheia, o que permitiu à Rosa se colocar de forma honesta sobre a ambiguidade de posicionamentos em sua vida pessoal e profissional.

Roberto se apresentou ao grupo enfatizando a importância da discussão do tema. Em resposta à primeira pergunta da estrutura do diálogo, se apresentou como alguém em dúvida em relação à existência ou não do preconceito com relação a LGBTs. Para ele, enquanto homossexual, o preconceito podia se apresentar de várias formas, sendo possível até duvidar de sua existência:

*eu cheguei à conclusão de que, bom, até que não existe tanto preconceito, por que eu não me vejo recebendo esta carga de preconceito no dia a dia. Daí eu não sei se eu não percebo, não sei se eu não quero perceber e não sei se é por que eu não recebo de fato.* (Roberto)

Quando questionado sobre em que momentos considerava desafiador manter sua opinião, a segunda pergunta do grupo, Roberto pensou em uma situação hipotética na qual ele estaria se despedindo de seu companheiro em um aeroporto e imaginava que nessa situação poderia sentir-se intimidado a beijá-lo em público. Dessa forma, se questionava se esse não seria um auto preconceito, uma violência:

*Por outro lado, sinto esse existir (do preconceito) quando eu me pego sem forças, coragem ou relutante para expressar um comportamento em sociedade, seja o beijo na rua, seja o beijo no aeroporto, que já aconteceu comigo, e me pego assim, dando o beijo e me pego me retraindo, então alguma coisa tem ali, e daí eu começo a perceber que essa sociedade me oprime de alguma forma, ou é a sociedade ou eu mesmo estou fazendo uma leitura da sociedade e logo me incrimino, essa leitura é correta? Essa leitura é sensata?* (Roberto)

Posicionar-se como alguém que não reconhecia o preconceito era amenizar o cenário de violência apresentado por outros participantes do encontro. Roberto resolveu esse conflito quando separou o contexto religioso do seu contexto familiar. No contexto religioso ele sentia a discriminação, mas em seu contexto familiar o preconceito não existia.

*eu tenho uma irmã que me trata com total, eu vou dizer o termo, sem preconceitos e ela me inclui na vida dela como o irmão que na época tinha um companheiro e que apresenta o companheiro como cunhado. Quer dizer, ela coloca na mesma forma de tratamento como a realidade é, vamos dizer assim.* (Roberto)

Novamente, a pergunta do PCP sobre dúvidas e incertezas com relação ao tema parece ter potencializado a relativização de posicionamentos no grupo, como ocorrido com Roberto. Participou dessa mudança, também, a exploração do discurso do preconceito a LGBTs propagado no grupo por Mauro.

Ricardo se apresentou ao grupo como um militante gay que veio ao encontro do PCP para aprender mais e para ajudar informando outras pessoas. Em resposta à primeira pergunta do grupo, posicionou-se como vítima de violência por conta de sua orientação sexual:

*eu passei já por preconceitos bravíssimos. Quando um companheiro meu cometeu suicídio e eu tive que prestar depoimento e eles (policiais) não queriam saber. Eles queriam saber na delegacia quem comia quem, sabe? Então acho que é uma coisa forte e no dia a dia você, eu já ouvi falar, o viado aí é engraçadinho na mesa de bar, hora que sai todo mundo mete o pau, mesmo uma lésbica, um travesti ... Dentro do próprio mundo gay tem muito preconceito, os outros gays, por exemplo, o beijo do aeroporto, se tiver um gay e ver você dando ali um beijo a hora que você sai eles mesmos apontam a gente.* (Ricardo)

Ricardo também se posicionou como defensor dos direitos LGBTs:

*Enquanto isso não acontecer (o fim do preconceito) vai continuar essa sociedade que vivemos, penso assim sabe, é o meu foco de vida, é a minha batalha.* (Ricardo)

Esse foi o posicionamento mantido por Ricardo durante todo o encontro. A partir do discurso da necessidade de atuar como militante em favor dos direitos LGBTs, defendeu a premência de que ninguém se calasse frente às injustiças das quais as(os) LGBTs são vítimas. A partir desse posicionamento, Ricardo defendeu, no encontro, a necessidade de informar as pessoas sobre os dados de violência e sobre como combatê-la.

Importante notar que tal discurso e posicionamento consistiram em uma resposta ao posicionamento de Roberto no grupo de não acreditar existir tanto preconceito e de viver “uma vida até certo ponto romântica”, como Roberto a definiu. O posicionamento de Ricardo de vítima cotidiana da violência (“a gente tem esse sentimento todo dia”) entrou em contraposição ao argumento da inexistência dessa



violência apontado por Roberto. Ao mesmo tempo, ao responder sobre em que momentos tinha dúvidas com relação a sua opinião sobre o tema, Ricardo afirmou:

*Mas é obvio que eu, por me informar ou por informações, por buscar informações, pelas informações chegarem a mim, eu sei que violências existem ... Agora, por outro lado, eu questiono, será que pelo fato de esta violência ser estampada na mídia ela, ela, ela tem um corpo ou ocupa um espaço suficientemente grande para me inibir ou será que são questões esporádicas, quer dizer, são situações que acontecem aqui e ali e aquela, mas que não ocupam todos os espaços e que não deveriam chegar a tanto? (Ricardo)*

Ricardo questionou se sua percepção acerca da predominância do preconceito na sociedade seria uma decorrência de uma suposta hipervalorização dos casos de violência retratados pela mídia. Esse fragmento do encontro mostrou como não era possível compreender o uso dos diferentes discursos sobre a violência a LGBTs fora do contexto da própria conversa (aqui entendida como sinônimo de diálogo), uma vez que é ao longo dela, em resposta àquilo que nela emerge, e à sua estrutura que o Ricardo vítima de violência pode ser complementado pelo Ricardo que se questionava acerca de uma possível supervalorização midiática da violência. Nesse caso, a estrutura do PCP permitiu que Ricardo questionasse a opinião anteriormente defendida e que sustentava e legitimava seu posicionamento como militante.

Maria, em resposta à primeira pergunta do grupo, trouxe para a conversa o discurso da valorização do conhecimento sobre o tema da diversidade sexual como sendo eficaz para transformar a opinião das pessoas:

*a informação pode transformar a consciência, pode transformar o modo como a gente pensa, né? E tentar resolver os nossos embates de uma maneira geral. ... Para transformação da minha consciência no sentido de não só esse tema específico, mas de pensar que independente da questão, mesmo que eu não precise aceitar ou não precise concordar, mas no mínimo eu tenho que respeitar. (Maria)*

Maria reproduziu um discurso a partir do posicionamento de profissional da educação. Por razões pessoais podia ter diferentes opiniões sobre o tema, mas a partir da posição de profissional ela deveria assumir o discurso da tolerância e respeito à diversidade sexual. É interessante notar, justamente, a negociação entre essas diferentes versões de si nas seguintes falas de Maria no grupo, em especial quando respondeu à segunda pergunta dos facilitadores:

*Acho que o meu nó está ligado a essa questão desse interjogo entre profissional com o pessoal. No profissional acho que é muito tranquilo em relação a qualquer tipo de discriminação, eu acho que não tem como ser professor aprender a lidar com isso. Mas acho que o meu grande nó é acho que por conta da minha vivência pessoal. Por não ter nenhum histórico familiar, não ter pessoas tão*

*próximas principalmente na minha família, que é uma família muito numerosa, não ter pessoas tão próximas que vivenciam diretamente a discriminação. Eu me coloco pensando como eu reagiria, como eu lidaria quando alguém que eu amo, muito próximo do meu convívio, dos meus vínculos mais estreitos sofrendo discriminação, então eu me pego pensando se os meus posicionamentos seriam os mesmos dos meus posicionamentos profissionais. (Maria)*

Nesse momento, em função da proposta do PCP de auto-reflexividade sobre as próprias opiniões, Maria se afastou da posição de Maria professora e se aproximou de uma Maria que tinha dúvidas sobre como lidar concretamente com a situação. O discurso ético que afirmava que em sala de aula nenhum professor poderia estigmatizar nenhum aluno não foi suficiente para que ela tivesse certeza de que estava instrumentalizada para lidar com uma situação na qual seu envolvimento pessoal fosse predominante.

Já Uliana iniciou sua fala no encontro afirmando que aceitou o convite para participar da conversa por curiosidade. A possibilidade de Maria assumir um posicionamento de incerteza no grupo, como resultado da pergunta de exploração das próprias dúvidas e ambivalências, pareceu ter criado espaço para que Uliana também falasse dos momentos nos quais assumiu uma postura preconceituosa. Ela também apontou como a formação universitária a ajudou a entender a questão a partir de discursos alternativos que a levaram a olhar para a violência a LGBTs de outra maneira:

*Bom, eu tive uma família assim muito tradicional, então a forma de encarar é muito assim tipo: "Aii, nossa!". Quando eu entrei para fazer filosofia, eu me deparei assim com uma série de situações e a gente começa a compreender que não é um bicho de sete cabeças, e que a coisa é mais um monstro que a gente cria do que na verdade ser monstro. É se perguntar assim: "Puxa vida, isso até é mais emocionante ser assim (homossexual), do que a gente. São mais verdadeiros e tudo mais. E aí, puxa vida, para quê criar tanto obstáculo?". (Uliana)*

Ao responder à primeira pergunta do encontro, Uliana afirmou que entendia que a religião afastava as pessoas de Deus, entendendo que tal discurso participava da construção de um cenário de violência a LGBTs. E para Uliana, a possibilidade de não ser preconceituosa com relação à diferença vinha de sua experiência de maternidade:

*A religião, na verdade, pelo que eu consegui compreender depois de algum tempo, por que também, eu já fui carismática, já fui católica "basiquinha", que só vai na missa de vez em quando. E agora estou de boa. Vou lá. Eu compreendi que na verdade a religião não importa. É a sua convivência com Deus. Deus pleno. ... fui mãe, sabe assim. Eu estou com um bebezinho. E eu compreendi o amor depois que eu fui mãe. Então, você começa a compreender que o amor é uma coisa assim tão maravilhosa e se você entende o que Deus é pleno e que Ele é todo esse, essa perfeição. ... (Uliana)*

A Uliana universitária e a Uliana mãe eram posições que foram negociadas com o posicionamento da Uliana religiosa. Aqui, o conhecimento de diferentes discursos no cenário universitário e a mudança de papel ao se tornar mãe colaboraram com essa mudança de opinião sobre o tema.

## Ampliando a discussão

A partir do objetivo de construir relações entre os posicionamentos assumidos no grupo, os discursos utilizados por cada participante e sua relação com a estrutura de diálogo do PCP merecem destaque.

Um primeiro ponto refere-se aos efeitos de uma pergunta sobre dúvidas e incertezas sobre a opinião do participante teve no encontro grupal estudado, favorecendo a mudança de posicionamentos dos participantes. Essa pergunta é chamada pelos idealizadores do PCP como “pergunta de zonas cinzas”, pois busca evitar que as pessoas permaneçam abordando o assunto apenas a partir das suas polaridades, saindo do preto ou do branco e percebendo as nuances e ambiguidades dos conflitos sociais (Chasin et al., 1996). Isso não quer dizer que as pessoas precisam duvidar do que acreditam, mas que elas podem abrir espaço para a diferença, própria de um mundo de visões plurais. Segundo a perspectiva construcionista social, o que está em jogo aqui é a possibilidade de tomar qualquer certeza sobre o mundo e as pessoas como historicamente e socialmente construídas.

Na proposta do PCP, a possibilidade de conhecer as histórias pessoais das pessoas que personificam “o grupo inimigo” é a chance de, justamente, se identificar com essas histórias, reconhecer semelhanças com as suas próprias e até simpatizar-se (Black, 2009; Public Conversations Project, 2011). Essa afetividade produzida na conversa serviria, para o PCP, não como enfraquecimento de argumentos em defesa de algo, mas como oportunidade de perceber a violência entre grupos como um produto relacional, ou seja, como resultante da forma como os dois lados se comunicam, interagem e se posicionam. Ou seja, o PCP aposta que conhecer a história alheia permite que o diálogo com o outro, na busca por interesses comuns, aconteça, percebendo o outro a partir daquilo que permite a aproximação para a conversa. Em situações de debate muito polarizado, a exploração de versões de si distintas das usualmente assumidas pelos participantes tende a ser vista como negativa, uma vez que para dar mais força aos seus posicionamentos os indivíduos são forçados a assumir um self aparentemente auto contido e imutável. Pensar em um posicionamento para o entendimento da construção identitária é priorizar uma visão da pessoa a partir da fluidez e dinamismo do self (Rasera, Guanaes, & Japur, 2004).

Um dos efeitos da pergunta de zonas cinzas foi sobre o uso do discurso religioso e o discurso da militância no grupo. A princípio, o discurso religioso implicou em um posicionamento de quem é contra ele, uma vez que entendem o modo como ele tem fomentado a violência contra LGBTs. Posicionamentos menos polarizados foram surgindo, como a posição de contrariedade ao discurso religioso e não necessariamente à pessoa religiosa. O discurso da militância LGBT, que denunciava as estatísticas de violência e que pedia, por coerência discursiva, que um

homossexual como Roberto se posicionasse como vítima foi sendo relativizado com relação aos contextos nos quais essa violência acontece e sobre quem é seu autor (a Igreja, o religioso, o outro ou a própria pessoa). Assim, ao propor uma exploração das incertezas com relação a forma de enxergar o mundo dos participantes, e apostando nas trocas que as diferenças no grupo podem trazer, o PCP permitiu o questionamento de posicionamentos dados como óbvios a partir de certos discursos sociais.

É importante destacar que a própria proposta do PCP de favorecer o diálogo circunscreve os posicionamentos que serão mantidos no encontro, como, por exemplo, posicionamentos de questionamento e reflexão sobre as próprias certezas. Isso não significa que outros posicionamentos e formas de conversa não sejam úteis na busca do fim à violência a LGBTs, em diferentes contextos e com diferentes propósitos de conversa.

Discursos institucionalizados costumam ter maior permanência ao longo do tempo, podendo cristalizar-se como obviedade no cotidiano das trocas relacionais. Dessa forma, transformar discursos é um intento que depende de ações e questionamentos macrosociais, um desafio marcado pelo fato de uma instituição não ser um sujeito com quem posso dialogar em uma microssituação conversacional. Daí a diferença posta por Mauro entre discordar da instituição e não necessariamente de toda pessoa religiosa. Ou seja, a Igreja, na sua percepção, pode estar aliada a um discurso homofóbico, mas não necessariamente o mesmo a um religioso. Daí a aposta do PCP de que quando as pessoas falam não como representantes de uma instituição, mas como pessoas comuns, a partir de suas histórias pessoais, a possibilidade de sair de uma posição polarizada aumenta, uma vez que as narrativas pessoais são mais sensíveis a transformações na forma de ver e entender uma opinião diferente (Black, 2009; Public Conversations Project, 2011).

Compreender o que sustenta uma posição capaz de engendrar ações violentas não é sinônimo de concordar com elas, ainda que esse possa ser um dos efeitos produzidos. Propor um diálogo como o PCP almeja não é ser ingênuo quanto às relações de poder presentes nos diferentes posicionamentos em um grupo que conversa sobre um assunto como o da violência aos LGBTs. Todavia, o reconhecimento do que pode impedir uma policial de denunciar um ato violento, por exemplo, pode ser a oportunidade para a reflexão e realce de um mecanismo institucionalizado de reprodução da violência que habitualmente fica oculto, silenciado e conseqüentemente pouco problematizado, e que atinge os LGBTs e à própria policial (embora de modo e com efeitos distintos).

É importante destacar as conversas pré-grupo, propostas pelo PCP, como fundamentais para o funcionamento da proposta como espaço de negociação dos posicionamentos possivelmente assumidos na conversa. Na experiência relatada aqui, foi necessário conversar com a participante policial, por exemplo, em detalhes sobre a partir de qual papel ela entendia estar sendo convidada e como diferentes versões de si (policial, mãe ou mulher que sofreu preconceito) poderiam enriquecer o grupo de formas distintas. Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecermos como, enquanto pesquisadores, posicionamos os participantes de antemão quando os convidamos para a conversa tomando-os como homossexuais ou professores, ou mãe, ou padre etc.



Nesse microcosmo interacional, posicionamentos vão sendo valorizados e isso se relaciona a como pesquisadores e participantes se relacionam com o tema em conversa e sobre o modo como entendem diálogo e quem deve estar presente nele. Neste mérito, destacamos a necessidade de considerar o jogo de posicionamento que se institui desde os primeiros movimentos de constituição do grupo e não apenas aqueles que operaram no decorrer da conversa grupal.

Outro ponto refere-se a como os acordos da conversa privilegiam determinados posicionamentos em detrimento de outros, uma vez que a proposta do PCP é justamente fomentar uma conversa diferente das habitualmente empreendidas pelos participantes. O feedback dos participantes de terem experimentado uma forma diferente de falar e ouvir sobre o tema é um indicativo dessa especificidade.

Ainda que não se possa garantir os efeitos do PCP em termos de transformações sociais para além da própria interação grupal, aposta-se que um modo distinto de conversa pode trazer novos elementos para favorecer um senso de conexão entre as pessoas na construção de estratégias de relacionamento a favor do bem comum. A experiência de genuína curiosidade com relação ao outro com quem se conversa no PCP tem sido relacionada, por seus idealizadores, com a diminuição de respostas de medo, ataque e suspeita com relação ao grupo que pensa diferente de si (Interfaith Mediation Centre & Public Conversations Project, 2014). Ex-participantes de encontros de PCP em diferentes países mencionam os impactos da conversa a partir de uma nova forma de olhar para quem pensa diferente, tendo transformado positivamente suas relações pessoais e profissionais (Stains Jr., 2012).

### **Discourse and positioning in a dialogue meeting on LGBT violence**

**Abstract:** The promotion of dialogue aims at the problematization of discourses and positions that crystallize actions and attitudes that favor violence practices. We aim to understand how different discourses demand for specific positions and vice versa, understanding this articulation from the effects of the dialogue structure proposed by the Public Conversations Project. A group meeting facilitating dialogue on the issue of violence against LGBTs was selected for analysis, considering their wealth in discourses defended and positions assumed. The full transcript of this meeting was analyzed from the contributions of social constructionism, in particular from the theory of positioning. The use of religious discourse, polarization of positioning, the effects of the gray zone questions, the positioning evoked in the sharing of stories, and the implications of context, social strength, conversation arrangements, and pre-group interviews for the assumption of certain positions in the meeting were discussed.

**Keywords:** discursive psychology, positioning theory, social constructionism, Public Conversations Project.

### **Discours et positions dans un dialogue sur la violence contre les LGBTs**

**Résumé:** La promotion du dialogue est la remise en cause des déclarations et interventions qui se cristallisent actions et des attitudes en faveur de la violence. Nous cherchons à comprendre comment les différents discours demandent des emplacements spécifiques et vice versa, en comprenant que conjointe contre les effets de la structure de dialogue proposé par le Projet de Conversations Publiques. Une réunion avec le groupe de facilitation de dialogue sur la question de la violence contre des personnes lesbiennes, gays, bisexuels, transsexuels et transgenres a été choisi pour l'analyse compte tenu de la richesse de son discours défendu et placements effectués. La transcription intégrale de cette réunion a été analysé à partir des contributions du constructivisme social, en particulier la théorie de positionnement. L'utilisation du discours religieux, la polarisation des positions, les effets des questions « zone grise », les positions exprimées au partage des histoires et les implications du contexte, de la force sociale, des accords à la conversation et des entrevues pré-groupes pour la prise en charge de certaines positions à la réunion ont été discutées.

**Mots-clés:** psychologie discursive, théorie de positionnement, constructivisme social, Projet de Conversations Publiques.

### **Discursos y posicionamientos en un diálogo sobre la violencia contra las LGBT**

**Resumen:** La promoción del diálogo posibilita el cuestionamiento de discursos y posiciones que cristalizan acciones y actitudes favorecedoras de la violencia. El objetivo de este estudio es entender cómo los diferentes discursos están implicados en distintos posicionamientos y al revés, entendiendo sus articulaciones a partir de los efectos de la estructura de conversación propuesta por el Proyecto de Conversaciones Públicas. Se seleccionó para el análisis una reunión de este grupo con el tema de la violencia sufrida por las personas lesbianas, gay, bisexuales y transgénero, teniendo en cuenta su riqueza en discursos y posicionamientos. La transcripción completa de esta reunión fue analizada desde las contribuciones del constructivismo social, especialmente la teoría del posicionamiento. En esta charla se discutieron el uso del discurso religioso, los posicionamientos divididos, los efectos

de las preguntas de “zona gris”, los posicionamientos mencionados durante el acto de compartir historias y las implicaciones de contexto, fuerza social, acuerdos para la conversación y de las entrevistas antes de la reunión.

**Palabras clave:** psicología discursiva, teoría del posicionamiento, construccionismo social, Proyecto de Conversaciones Públicas.

## Referências

- Black, L. W. (2009). Listening to the city: difference, identity, and storytelling in online deliberative groups. *Journal of Public Deliberation*, 5(1), Article 4. Retrieved from: <https://goo.gl/c5JnDy>
- Bohm, D. (2004). *On dialogue* (2nd ed.). New York: Routledge.
- Buber, M. (2008). *I and thou*. Hong Kong: Hesperides Press.
- Carrara, S., Ramos, S., Simões, J. A., & Facchini, R. (2006). Política, direitos, violência e homossexualidade. *Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005* (1a ed.). Rio de Janeiro: CEPESC.
- Chasin, R., Herzig, M., Roth, S., Chasin, L., Beckel, C., & Stains, R. R. (1996). From diatribe to dialogue on divisive public issues: approaches drawn from family therapy. *Mediation Quarterly*, 13(4), 323-344.
- Gergen, K. J. (1999). Rumo a um vocabulário do diálogo transformador. In D. F. Schnitman, & S. Littlejohn, *Novos paradigmas em mediação* (pp. 29-45). Porto Alegre: Artmed.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2003). *Social construction: a reader*. London: Sage.
- Herzig, M., & Chasin, L. (2006). *Fostering dialogue across divides: nuts and bolts guide from the Public Conversations Project*. Watertown, MA: Public Conversations Project.
- Interfaith Mediation Centre, & Public Conversations Project. (2014). *Reflective structured dialogue: a dialogic approach to peacebuilding*. Boston, MA: Author.
- Junqueira, R. D. (2009). Homofobia nas escolas: um problema de todos. In R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-52). Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. In R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 85-94). Brasília, DF: Ministério da Educação.
- McNamee, S. (2007). *Transformative dialogue: coordinating conflicting moralities. Proceedings, 2007 Recipient of the Lindberg Award for Excellence in Teaching and Scholarship in the College of Liberal Arts, 2007, Durham, NH*. Durham, NH: University of New Hampshire.
- Moscheta, M. S. (2011). *Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência a saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Public Conversations Project. (2011). *Constructive conversations about challenging times: a guide to community dialogue*. Watertown, MA: Author.
- Rasera, E. F., Guanaes, C., & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construccionismos: dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 157-165.
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. (2000). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 41-61). São Paulo: Cortez.
- Stains Jr., R. R. (2012). Reflection for connection: deepening dialogue through reflective processes. *Conflict Resolution Quarterly*, 30(1), 33-51.
- Van Langenhove, L., & Harré, R. (1999). Introducing positioning theory. In R. Harré, L. Van Langenhove (Eds.), *Positioning theory: moral context of intentional action* (pp. 14-31). Oxford: Blackwell.

Recebido: 13/04/2015

Revisado: 26/11/2015

26/04/2016

30/06/2016

Aprovado: 04/07/2016